Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

A FANTASIA A PARTIR DO MITO DE ÉDIPO HOJE

Alessandra Bachini - alessandrablazzari@gmail.com
Denise Arduim - darduim@gmail.com

Resumo: No seminário livro 8, A Transferência, em um conjunto de capítulos intitulado O Mito de Édipo hoje, Lacan se vale da trilogia de Paul Claudel para falar da questão do desejo do sujeito. Seu objetivo é abordar o desejo do analista e sua posição na transferência para a eficácia da análise. Porém, neste trabalho, o foco é o desejo inconsciente e suas consequências no sujeito. No ano passado, trabalhamos dois desses capítulos para apresentação do seminário. Foi interessante revisá-los após o trabalho de pesquisa: Perversão: da política à clínica - que nos orientou aos primórdios da psicanálise com Freud. Destacou-se a relação entre fantasia e mito, não evidenciada anteriormente. Agora, faremos um recorte da pesquisa para discutir mais sobre a fantasia e o mito na trilogia de Claudel apresentada por Lacan no seminário 8.

Palavras-chave: Lacan; Paul Claudel; desejo do sujeito; fantasia; mito.

São Paulo
2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



A FANTASY FROM THE MYTH OF OEDIPUS TODAY

Alessandra Bachini - alessandrablazzari@gmail.com
Denise Arduim - darduim@gmail.com

Abstract: In Seminar book 8, "The Transfer," in a set of chapters titled "The Oedipus Myth Today," Lacan draws on Paul Claudel's trilogy to discuss the question of the subject's desire. His aim is to address the analyst's desire and their position in the transference for the effectiveness of the analysis. However, in this work, the focus is on unconscious desire and its consequences on the subject. Last year, we worked on two of these chapters for the seminar presentation. It was interesting to revisit them after the research work: "Perversion: from politics to clinic" - which guided us to the beginnings of psychoanalysis with Freud. The relationship between fantasy and myth, not previously evident, was highlighted. Now, we will focus on a section of the research to discuss further the fantasy and myth in Claudel's trilogy as presented by Lacan in Seminar 8.

Keywords: Lacan; Paul Claudel; subject's desire; fantasy; myth [ ]

São Paulo
2024

Retorno a Freud

Freud descobre que as neuroses são formas de defesa, respostas patológicas contra um quantum de energia, uma ideia incompatível e insuportável de se ligar ao psiquismo. No início de sua teoria, isso se daria através de um abuso de ordem sexual sofrida pela criança por um adulto perverso. Com o passar do tempo, ele percebe indícios de que essas histórias contadas por seus pacientes poderiam ser inventadas, o que não significa serem mentiras, tratando-se de fantasias.

Ele sugere, no entanto, que as fantasias podem estar ligadas a uma experiência original, podendo servir como defesa, assemelhando-se às formações dos sonhos. Coisas que foram ouvidas, vistas ou vividas e que despertam sensações erógenas.

Numa carta a Fliess, datada de 2 de maio de 1897, Freud fala que as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações, a uma experiência original, as cenas sexuais primevas.

A partir deste ponto, Freud vai se valer do mito de Édipo Rei para falar do apaixonamento pela mãe, dos ciúmes e impulsos hostis contra o pai e o desejo que ele morra. Esses impulsos hostis são as ações das lembranças recalcadas e das fantasias.

O pai que é morto no mito de Édipo é o pai interior do qual o sujeito deve se libertar para se tornar independente. Esse pai, identificado como modelo de recalque, induz, posteriormente, a um reinvestimento a outros objetos que não a mãe.

Se a chave da neurose não está nos acontecimentos reais e, sim, nas fantasias e essas são produtos dos períodos mais remotos da infância, entendemos que elas estão sempre ligadas aos romances familiares.

A importância do Mito para Freud é a analogia feita entre as lembranças encobridoras, o esquecimento como defesa contra o desejo incestuoso e o desejo da morte do pai. Para ele, em Totem e Tabu ,1913, a construção mítica da origem da Cultura é o mito do assassinato do pai primordial.

Para passar da natureza à Cultura há de haver duas interdições básicas como pacto social: o assassinato e o incesto.

Lacan retoma o mito freudiano partindo da noção de uma temporalidade. Aqui me valho das elaborações do Mauro em um seminário dado em São Luís, em 1994.

Quando o bebê nasce, já nasce numa relação com o Outro. Podemos dizer da mãe, mas não no sentido existencial e sim no sentido da pulsão e da satisfação de suas necessidades. Há

uma relação de complementaridade entre um e outro e uma ideia de uma relação ininterrupta e inabalável.

Lacan vai dizer que é neste primeiro tempo que o sujeito vai assumir a posição de objeto. Objeto de satisfação do desejo do Outro. Este é o tempo que o sujeito se instaura na fantasia.

Há um segundo momento em que existe uma interrupção, uma descontinuidade que tem a ver com o desejo do Outro. A partir da introdução do desejo do Outro há um deslocamento. Significa dizer que é a partir do direcionamento do desejo da mãe a um outro que não seu filho que vai instaurar a privação da mãe fazendo com que o bebê busque substitutos para a satisfação dos seus desejos.

O fato de a mãe deslocar seu desejo para um outro que não seu filho abre a possibilidade da entrada de um terceiro. O que entra em jogo aqui para este pequeno sujeito é a agressividade e a rivalidade dirigidas a este terceiro, o pai, suposto roubar seu lugar de objeto de desejo da mãe. O sujeito se vê acometido por uma falta.

O sujeito é, portanto, lançado na dimensão do desejo a partir do desejo da mãe que está direcionado a um outro. Lacan nomeou este processo de metáfora paterna. No momento em que o sujeito é lançado na dimensão do desejo, o que ele perde é a posição de objeto suposto de complementaridade da mãe, a fantasia de completude. Portanto, há, no primeiro tempo, a ideia de uma complementaridade inabalável entre a mãe e o bebê, um tempo mítico que Freud chamou de Nirvana.

O segundo momento é o da ausência da mãe e do deslocamento para outros objetos de forma a obter satisfação. E a entrada do terceiro, a partir do desejo da mãe, promovendo impulsos de agressividade e desejo que este morra, marca a divisão do sujeito, a castração. Na medida que o sujeito desiste deste objeto, ele pode se relançar a desejar outros.

No entanto, esse sujeito é para sempre marcado. Mesmo abrindo mão da mãe, marcas e traços foram introjetados e incorporados e, desde o primeiro momento, são alucinados como parte de si. Primeiro para uma satisfação auto erótica e, mais tarde, como identificação a outros objetos de amor. São essas as fantasias primordiais pela qual o sujeito será para sempre atravessado. São marcas significantes que se desprendem e se ligam ao sujeito.

No momento da divisão do sujeito, da Spaltung, a fantasia surge como uma reparação, como uma montagem, de forma a responder ao desejo do Outro. Na fantasia, o sujeito se objetifica de maneira a manter a completude do Outro.

Retomando agora a importância dos mitos na análise, por que Lacan vai recorrer à trilogia de Claudel. Ele mesmo responde, para desacomodar a posição dos analistas pós-freudianos. Esvaziar o significante, sair do lugar tanto de sujeito quanto de objeto. O analista

não é o objeto da falta nem o sujeito ideal e, sim, a causa do desejo. Por isso mesmo, ele tanto falou do esvaziamento do ser do analista. Falamos sobre isso no trabalho dos Escritos que fizemos sobre A Direção do Tratamento.

E o que Lacan nos mostra na trilogia?

Para além do enredo que se passa através de três gerações, o que ele nos faz ver é a marca do sujeito pela nomeação. Nomeação do desejo.

Se Sygne é um sujeito marcado pelo significante da falta, ela, em sua história, está marcada desde sempre pelo sacrifício. Aprisionada neste lugar, abre mão de tudo o que é importante para ela.

O sintoma Não de seu gesto é o que a protege de ter aberto mão de seu ser. Ao negar com a sua morte tanto o seu marido quanto o fruto desse casamento forjado - esse objeto rejeitado - ela enfim atravessa o seu desejo para além do desejo do Outro.

Toussaint Turelure, o primeiro nome significa Todos os Santos; o segundo, Lacan faz uma homofonia com tirelire que significa cofre, mealheiro. Personagem abjeto, desprezível e, como nos indica Lacan, já morto, pois morre de medo.

Louis De Coûfontaine, filho rejeitado pela mãe, é aquele que demanda seu lugar como objeto de amor ao pai e, ao não receber, fica à deriva, tomando o lugar do pai como ideal. Ao ser iluminado de seu desejo por aquela que amava, Lumîr, torna-se um parricida. Ele desposa a mulher do pai e se apropria de seus bens. Ele se torna o pai, ele se torna o objeto de sua fantasia.

Lumîr, Loum-yir - luz cruel, é aquela que ilumina o que está velado. É aquela que trama, junto com a amante de Turelure, sua morte de susto, por perceber ser este um bufão. Ela ilumina o desejo de Louis promovendo a metamorfose deste. Ilumina a sordidez do Papa apontando que Deus está morto. E será que também não é aquela que ilumina o desejo do analista?

E, por último, Claudel traz Pensée, livre pensamento; nasce cega, marcada por esta história e justamente por isso, como nos diz Lacan, essa cegueira vem como uma espécie sublime de pudor "por não poder se ver, ser vista, ela parece estar ao abrigo do único olhar que desvela". Ela não está presa no lugar de desejo do Outro.

Ela vem animada por uma paixão, ela quer justiça, absoluta, de poder sustentar aquilo que ela deseja.

Em uma ponta do drama está Sygne, na outra Pensée. O que liga uma à outra?

Pensée vai tentar iluminar a posição de obediência a deus por seu amado, assim como um dia sua avó também o fez em nome do sacrifício. Ela não entra num circuito de repetição das filiações, e sim de liberdade de pensamento. Ela rompe com esse pacto. É através do vazio, de um lugar esvaziado que ela pôde construir algo novo.

É assim que Lacan percebe os três tempos do drama: de uma posição radical como a de Sygne, pode renascer um desejo, como o de Pensée.

Passar de uma posição de ser amado para amar. Isso não liberta Pensée das misérias da vida, afinal ela irá recolher as consequências de suas escolhas: um filho sem pai, um casamento sem amor, mas, afinal, foi a sua escolha.

Lacan se vale da trilogia de Claudel também para falar da importância da articulação das estruturas míticas na análise.

O sujeito quando nos procura vem em busca de um destino, da sua história, sua retórica. E Lacan mostra com Claudel que o destino não tem a ver com o lugar que o sujeito ocupa na constelação familiar, na sequência das histórias. Tem a ver com as implicações que o sujeito fica capturado na linguagem, no jogo da fala.

É através da tragédia grega que Freud pôde explicar o drama do sujeito quando pressente o desejo de matar o pai e de ter a mãe, uma compulsão que todos reconhecem, pois pressente a existência em si mesma.

"Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalcamento que separa seu estado infantil do estado atual. " (Carta de 15/10/1897).

É através do Mito que a verdade do desejo pode ser desvelada.

Bibliografia:

DIAS, M. M. Seminário Sintoma, Fantasia e Tempo. Sociedade psicanalítica do Maranhão. São Luís, Ma. 25/01/1992. XI Encontro Aberto

FREUD, S. (1886-99). Sigmund Freud Obras Completas: edição Standard Brasileira, vol. 1. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996

_____. (1912-1914). Totem e Tabu. In: **Sigmund Freud Obras Completas**, v. 13: edição Standard Brasileira. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996

LACAN, J. (1960-1961). O Seminario livro 8: a transferência. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos.** Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. p. 591-652

MASSON, J. M. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess, 1887-1904. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1996.